

CEDI

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: OESP Class.: 231 Kaiapó / Geral

Data: 08/04/93 Pg.: 18



José Paulo Lacerda/AE

Falta de respeito

Megaron e crianças do Projeto Guarantã: pouca comida e sono no chão frio

Crianças caiapós alfabetizadas pela Funai sofrem com descaso

GUARANTÃ DO NORTE, Mato Grosso — Seduzidas pela proposta de aprender a cultura dos brancos, feita pelo governo federal, quatro tribos caiapós (Baú, Pucan, Cubencocre e Capoto) enviaram 32 crianças para o posto da Fundação Nacional do Índio (Funai) de Guarantã do Norte.

Empolgado, o chefe do posto, Antônio Carlos de Oliveira, pintou o velho prédio de madeira destinado ao programa. A Funai, porém, descontou a despesa do salário do servidor. Revoltado, Antônio Carlos quis saber a razão. A resposta de um tecnocrata de Brasília: "Para que índio com casa pintada?"

Com argumento semelhante ("índio não precisa de calçado"), a direção nacional da Funai negou-se também a fornecer chinélos para as crianças. Os calções foram doados pela comunidade, que também contribui com alimentos e remédios. Subnutridas (às vezes só há feijão com farinha), as crianças dormem no chão frio de um galpão imundo.

Há cinco meses a Funai não paga o aluguel do prédio, de Cr\$ 800 mil mensais. Por isso, o proprietário do imóvel en-

trou com ação de despejo na Justiça. "O governo Itamar Franco ainda não descobriu que existe índio no País", criticou o chefe indígena Megaron, originário da tribo Kapoto, localizada na região do Alto Xingu, no norte de Mato Grosso.

Assessor especial da Funai, Megaron destina metade do seu salário (Cr\$ 8 milhões) para cobrir parte das despesas do projeto.

Pai de um dos meninos do projeto, Megaron comprou um freezer após alguns casos de infecção intestinal causados por comida estragada, além de uma TV preto e branco para que os meninos não fiquem pelas ruas.

Aplicados nos estudos, os índios já dominam o alfabeto português e aprendem com facilidade fundamentos de matemática, noções de ciências e saúde.

Queixas — Pertencentes a uma nação avançada para os padrões indígenas do Brasil, os caiapós começaram a ser contactados pelos brancos há 30 anos. As propostas governamentais de integração, porém, esbarram sempre na fal-

ta de recursos e na insensibilidade das autoridades federais. Os únicos segmentos que mantêm contato mais estreito com a nação caiapó, segundo Megaron, são os garimpeiros e a Igreja católica. Os primeiros ministram aulas de ganância, desonestidade e violência. Os religiosos oferecem salvação espiritual. "No momento, não precisamos de tratamento espiritual, mas de respeito e condições para uma integração sadia", desabafou Megaron.

Na região há 16 aldeias caiapó, algumas sem contato com qualquer segmento branco, a não ser com missionários religiosos. Nos últimos anos, um elemento novo foi incluído na cultura caiapó: o comércio de madeira, negociado entre madeireiros e os índios. Mas, segundo a Funai, os contratos destinam aos índios menos de 20% da renda obtida. Megaron quer que a Funai, ou algum técnico do Ministério da Fazenda, dê assessoria econômica à nação caiapó, para que eles explorem o comércio de forma racional (sem comprometer as reservas) e sem serem lesados pelos madeireiros. (V.M.)